

# A EXISTÊNCIA DE QUATORZE (14) IDENTIDADES SURDAS

## THE EXISTENCE OF FOURTEEN (14) DEAF IDENTITIES

Vilmar Fernando Carvalho 1  
Ana Regina e Souza Campello 2

**Resumo:** Apresentamos um estudo teórico sobre as possíveis identidades surdas existentes, com o objetivo de esclarecer a existência de várias identidades de acordo com o tempo-espaço. Metodologia: trata-se de uma pesquisa bibliográfica. O referencial teórico utilizado consiste em livros, artigos, dissertações e teses escolhidos por estarem articulados ao tema em questão, cujos principais autores utilizados foram: Merlim (1998), Quadros e Karnopp (2004), Lima (2015), Santana e Bergamo (2005), Strobel (2008), Sasaki (2002), entre outros autores. Resultados: A existência de 14 (quatorze) diferentes identidades surdas são bastante complexas e diversificadas. Foram apresentadas as sete identidades surdas, classificadas por Perlin (1998), e nas pesquisas, encontramos outras identidades surdas, dentre as quais: Identidade Surda com AASI. Identidade Surda com IC; identidade étnica dos surdos; Língua de sinais Ka'apor brasileira (LSKB), utilizada pelos índios Urubu-Ka'apor no Estado do Maranhão E outras línguas de sinais emergentes: guarani que recentemente estão sendo catalogados nas literaturas de língua de sinais e sua relação como identidade surda Identidade Negra Surda; Identidade Surda Unilateral e Identidade Surdacega. Conclusão: Portanto, conclui-se que a identidade surda não é estável, está continuamente em transformação conforme suas particularidades de cada identidade que com o tempo vão surgindo.

**Palavras-chave:** Surdez. Identidade Surda. Libras.

**Abstract:** We present a theoretical study on the possible existing deaf identities, with the objective of clarifying the existence of several identities according to time-space. Methodology: this is bibliographic research. The theoretical framework used consists of books, articles, dissertations and theses chosen because they are articulated to the topic in question, whose main authors used were: Merlim (1998), Quadros and Karnopp (2004), Lima (2015), Santana and Bergamo (2005), Strobel (2008), Sasaki (2002), among other authors. Results: The existence of 14 (fourteen) different deaf identities are quite complex and diversified. The seven deaf identities were presented, classified by Perlin (1998), and in the research, we found other deaf identities, among which: Deaf Identity with AASI. Deaf Identity with CI; ethnic identity of the deaf; Brazilian Ka'apor Sign Language (LSKB), used by the Urubu-Ka'apor Indians in the State of Maranhão And other emerging sign languages: Guarani that are recently being cataloged in sign language literatures and their relationship to deaf identity Black Identity deaf; Unilateral Deaf Identity and Deafblind Identity. Conclusion: Therefore, it is concluded that the deaf identity is not stable, it is continuously changing according to the particularities of each identity that over time emerge.

**Keywords:** Deafness. Deaf Identity. Libras.

---

1 Mestre em Linguística (UFSC). Graduação em Letras Libras. Professor de Libras da UTFPR. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8654781781454107>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3755-2098>. E-mail: [fernaducks@gmail.com](mailto:fernaducks@gmail.com)

2 Doutora em Educação (UFSC). Graduação em Pedagogia. Professora de Ensino Superior do DESU / INES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6945261731062194>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1464-9524> e E-mail: [anacampelloines@gmail.com](mailto:anacampelloines@gmail.com)

## Introdução

Durante séculos, a surdez foi percebida numa perspectiva clínica. Os discursos médicos do século XIX e do início do século XX apresentavam o surdo como um sujeito sôfrego, era preciso ensinar-lhe a pensar e a comportar-se (LOBO, 2008). Sob este ponto de vista, o surdo era distinguido por características físicas e tratado como uma criança a instruir, como um ser moralmente imperfeito.

A língua de sinais era considerada apenas uma mímica gestual, e com elevado grau de preconceitos com relação ao uso de gestos para a comunicação (STOKOE, 1972). É fato incontestável as pessoas surdas sempre foram, ao longo da história, estigmatizados, sem valor como pessoa tanto no meio familiar como no meio social. Nos dias atuais, ainda persiste a exclusão profissional e social devido a cor, perfil socioeconômico ou religião das pessoas (SANTANA; BERGAMO, 2005), ocorrendo o mesmo com os surdos e os ouvintes, uma intensa diferença que os distingue: a língua oral.

Segundo a Lei nº 10.436/2002, a língua brasileira de sinais (Libras) é reconhecida como língua de natureza visual-motora e exerce todas as funções comunicacionais, cabendo aos estabelecimentos públicos incentivarem o uso e difusão da língua. Já o decreto 5.626/2005 discorre sobre as disposições preliminares, garantindo aos surdos a inclusão da Libras como disciplina curricular, a formação de professores e instrutores, o acesso às escolas bilíngues, entre outros direitos garantidos (BRASIL, 2002).

Legalmente, a língua da comunidade surda do Brasil é a Libras, como consta no decreto de 2005 “Art. 2º. Para os fins desse Decreto, considera-se pessoa surda àquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura especialmente pelo uso da “Libras”.

A Libras é uma forma de comunicar-se com pessoas surdas. Trata-se de uma língua visual, por sua vez comunicada através de sinais convencionados, tais como: expressões faciais, leves movimentos do corpo. Trata-se de uma forma de expressar a intensidade do que se conversa.

Isto posto, entende-se que a formação da identidade da pessoa surda se dá de forma mais natural através da língua de sinais. Língua esta que, por não haver nenhum empecilho físico pode ser alcançada com maior facilidade se apresentada desde a infância, na fase de aquisição de linguagem (QUADROS; KARNOPP, 2004). Existe concordância entre a maioria dos estudos que é por meio da posse da língua de sinais que o surdo constituirá sua identidade, uma vez que ele não é ouvinte (PERLIN, 1998; MOURA, 2000).

Compreender a dificuldade das identidades surdas e dos conceitos da própria surdez podem beneficiar os interessados, como também permitir uma conscientização sobre esta população. Portanto, justifica-se o presente estudo por querer demonstrar a complexidade das identidades surdas e dos conceitos da própria surdez, visto que poderão favorecer os interessados, assim como permitir uma conscientização sobre os sujeitos surdos.

Este artigo tem como objetivo apresentar um estudo teórico sobre as 14 (quatorze) possíveis identidades surdas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, cujos principais autores utilizados foram: Merlim (1998), Quadros e Karnopp (2004), Lima (2015), Santana e Bergamo (2005), Strobel (2008), Sasaki (2002), entre outros autores.

O texto organiza-se em quatro seções: primeiramente, apresenta-se a introdução, onde é contextualizado o tema, objetivo, justificativa e metodologia. Na segunda seção, apresenta-se a revisão de literatura, com destaque para identidades Surdas. Na terceira seção, dão-se as considerações finais seguidas das referências bibliográficas.

## Identidades surdas

### Surdez e Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)

O presente estudo parte da concepção de que a surdez é considerada uma lesão orgânica e que ela gera uma limitação, uma deficiência. A diminuição da audição (surdez) produz uma redução na percepção de sons e dificulta a compreensão das palavras e essa dificuldade aumenta com o grau de surdez, que pode ser leve, moderado, severo e profundo. A perda auditiva de grau leve geralmente é constatada através do teste de audição (audiometria), visto que as pessoas geralmente

não percebem que ouvem com menos facilidade. Quando a perda auditiva passa a ser moderada para severa, os sons podem ficar distorcidos e na conversa, as palavras se tornam abafadas e mais difíceis para serem compreendidas (SILVA *et al.*, 2009). Quando o nível de surdez é severo e existem várias pessoas conversando em locais com ruído ambiental ou em local onde existe eco, ocorre ainda maior dificuldade para ouvir.

O autor Vedoato (2015) classifica-se a deficiência auditiva quanto ao período em: período pré-natal, perinatal e pós-natal:

- *Deficiência auditiva pré-natal*: ocorre no período gestacional podendo ser diversas as causas: fatores genéticos e hereditários, como síndromes, malformações de orelha, doenças contraídas pela mãe no período gestacional (rubéola, toxoplasmose, citomegalovírus), exposição da mãe a drogas ototóxicas (medicamentos que podem afetar a audição) e radioterapia no primeiro semestre e outros;
- *Deficiência auditiva perinatal*: está relacionada às intercorrências no momento do parto por: prematuridade com baixo peso, anóxia cerebral (falta de oxigenação no cérebro logo após o nascimento) e trauma de parto (uso inadequado de fórceps, parto excessivamente rápido, parto demorado) e trauma sonoro;
- *Deficiência auditiva pós natal*: é consequência de intercorrências no ciclo vital podendo ser causada por quadros patológicos tais como meningite, caxumba, sarampo, otites, uso de medicamentos ototóxicos, além da relação do avanço da idade e acidentes.

Como demonstrado acima, são três períodos considerados para a classificação da surdez, ou seja, podendo ocorrer no ventre da mãe, no momento do parto e posteriormente devido a determinadas doenças.

Entretanto, segundo Sasaki (2002) no plano formal, estatístico, convencionou-se mundialmente adotar a seguinte classificação para a surdez: deficiência física; deficiência mental; deficiência auditiva; deficiência visual e deficiência múltipla. Por esta classificação, entende-se que, apesar de a “deficiência auditiva” não ter o mesmo significado de “surdez”, ficaria confuso trocar apenas esses dois termos um pelo outro. O mesmo ocorre com “deficiência visual” e “cegueira”. Se a troca fosse feita, a classificação das deficiências ficaria, por exemplo, assim: deficiência física; deficiência mental; surdez; cegueira e deficiência múltipla.

Portanto, segundo Sasaki (2002), nada justifica especificar a surdez e a cegueira, se não especificar cada um dos inúmeros tipos de deficiência física e de deficiência múltipla, além de cada um dos vários tipos de apoio dos quais dependem as pessoas com deficiência mental (não mais classificada em leve, moderada, severa e profunda). Desta forma, deve-se utilizar criteriosamente cada um dos termos. Num contexto formal, estatístico, falar-se-á em pessoas com deficiência auditiva referindo-nos ao grupo como um todo, especificando ou não os graus de perda auditiva e a quantidade de pessoas existentes em cada nível de surdez. E, em situações pessoais, informais, coloquiais, dir-se-á e escrever-se-á surdos, pessoas surdas, comunidade surda, comunidade dos surdos, quantidade de pessoas por nível de surdez, comunicação entre os surdos, comunicação com os surdos, comunicação dos surdos, os sinais de que os surdos utilizam etc.

A história da educação do surdo iniciou-se em meados do século XVI. Até esta época, portadores de deficiência auditiva eram considerados intelectualmente inferiores, motivo pelo qual eram colocados em asilos (OLIVEIRA, 2004). Por muitos séculos, a pessoa surda era vista como intelectualmente inferior e como sujeitos não educáveis, ou seja, entendia-se que eram incapazes de serem ensinados e por isso não frequentavam as escolas e eram privados de educação e instrução. Essa concepção de inferioridade de inteligência da pessoa surda, foi se desfazendo quando se percebeu que o surdo poderia aprender a se comunicar, não só por língua de sinais, como por língua falada.

Conforme, Oliveira (2004), utilizava-se então língua auditiva-oral nativa, língua de sinais, datilologia (representação manual do alfabeto), entre outros, combinando-se diversas modalidades de comunicação. Isso fez com que o ensino da língua de sinais passasse a ser intensamente difundida, possibilitando que ela atingisse um excelente êxito.

As primeiras instituições voltadas para a educação do surdo se consolidaram na Europa,

inicialmente na França, em 1760 e a daí em diante foi disseminada para as demais partes do mundo. Com o advento das instituições especiais, que eram reguladas pela Igreja, estas foram as primeiras escolas produtoras do ensino-aprendizagem de surdos, até então símbolo de primitivismo e irracionalidade. Os primeiros educadores de surdos utilizavam-se de diferentes metodologias de ensino-aprendizagem. Estas consistiam na língua auditivooral nativa, língua de sinais e dactilologia, – representação manual do alfabeto e outros códigos visuais (SILVA *et al.*, 2009).

No Brasil, a história da educação do surdo iniciou-se com a criação do Instituto de Surdos-Mudos, atualmente Instituto Nacional de Educação de surdos (INES). O Instituto foi fundado em 26 de setembro 1857, no Rio de Janeiro, pelo professor surdo francês Edoard Huet, que por meio do decreto imperial veio ao Brasil a convite do Imperador D. Pedro II. Inicialmente, o instituto foi um asilo, onde só eram aceitos surdos do sexo masculino. Eles vinham de todos os pontos do país e muitos eram abandonados pelas famílias. Somente a partir do ano de 1931 é que o atendimento foi ampliado e então se criou o externato feminino com oficinas de costura e bordado (INES, 2018).

A língua de sinais vem da interação natural de surdos. Assim, como grande parte das línguas, a língua de sinais manifesta à forma como os surdos percebem o mundo, diferente de como os ouvintes que o percebem por uma ordem mais sonora, para os surdos a ordem é visual. “As experiências dos surdos são majoritariamente visuais, portanto, a forma como a língua se organizada, geralmente é pela ordem de como as coisas visualmente ocorrem em sua volta” (LUCHI, 2017, p. 15).

Os surdos empregam a língua de sinais brasileira envolvendo o corpo, ao se comunicar. Por sua vez está comunicação é viso-gestual e produz múltiplas formas de apreensão, interpretação e narração do mundo a partir de uma cultura visual. Observa-se que inúmeros educadores, e familiares, não entendem a língua de sinais brasileira, sendo considerados, então, como “esquisitos” em relação à língua de sinais brasileira e cultura visual.

Apesar dos avanços culturais, ainda existem pessoas que pensam que a língua de sinais é universal, é única para todos de qualquer parte do mundo, porquanto basta fazer uma mímica ou gesto e o entendimento acontece. Mas, segundo Fatec (2018) tal ponto de vista é assaz superado, já que além de haver várias línguas de sinais (brasileira - LIBRAS, francesa - LSF, espanhola - LSE, boliviana - LSB, venezuelana - LSV), hoje em dia as pesquisas linguísticas reconhecem a complexidade presente em todas essas línguas.

Ultrapassa em 90% as crianças surdas que nascem em famílias que possuem uma capacidade auditiva normal, portanto, menos de 10% das crianças surdas possui um familiar surdo. Significando que grande parte das novas pessoas nascem, de maneira figurada, sem possuírem alguma influência. Tampouco a linguagem dos sinais é sua língua nativa no sentido de ser disponível desde a infância, aprendida pela interação com seus pais. (WRIGLEY, 1996). No entanto, para os surdos que podem ter acesso a uma escola perto de seus lares, a linguagem dos sinais é possivelmente a primeira e verdadeira linguagem adquirida.

A comunidade surda brasileira tem reconhecido que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) faz da pessoa surda, um cidadão preparado para se desenvolver na perspectiva social, cognitiva e afetiva (FREITAS, 2015). Isto porque ele consegue interagir com outras pessoas tornando-se um sujeito com autoestima, auto-respeito e capaz.

A Língua de Sinais Brasileira é uma língua sinalizada, de modalidade viso-gestual, com estrutura gramatical como: fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática, utilizada pela comunidade Surda Brasileira. A Língua de Sinais, em princípio, como gesto já existia no tempo do Sócrates, na conversa com Hermógenes, sobre os gestos dos mudos, mas é lamentável que os sofistas não tenham reconhecido em curto tempo a importância do “gesto” como processo linguístico e de comunicação do “Surdo” (CAMPHELLO, 2008, p. 90).

A língua de sinais para os surdos mesmo que adquirida em qualquer idade, constituirá uma identidade surda, visto que ele não é ouvinte. Sob este ponto de vista, o significado de cultura, se apresenta como um espaço que possibilita um novo entendimento de surdez, reconhecendo a identidade e diferença em vasto aspecto social e cultural, porquanto uma valorização da população surda equivalente à da sociedade não surda.

O campo de investigação dos estudos surdos ampliou-se ao longo dos tempos e, pela importância que contraiu, segundo Lima (2015) passou a abranger diferentes correntes teóricas,

portanto, a matriz teórica dos estudos culturais foi a que serviu de referencial para os estudos surdos, porquanto reconhece o sujeito surdo com identidade própria e cultura distintas.

Feitas estas considerações sobre surdez e Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), segue-se com o estudo concernente as identidades surdas, visando apresentar suas definições e características principais.

## **Identidades Surdas nas literaturas**

Na dissertação de Mestrado em prelo, Nakasato (2019) mostra que em 1993, os autores Glickam e Carey apresentaram descobertas nas suas pesquisas sobre o desenvolvimento da identidade Surda. Holcomb (1997) apresentou na sua pesquisa as sete categorias de Identidades Surdas que são muitos identificados dentro da comunidade Surda norte-americana, que foram:

1. Identidade Bicultural Equilibrada – era aplicada aos Surdos que se sentem igualmente confortáveis em ambas as culturas surdas e ouvintes;
2. Identidade Bicultural Surdo-Dominante – refere-se às pessoas que tem envolvimento limitado na comunidade Surda, mas que podem interagir confortavelmente com pessoas Surdas;
3. Identidade Culturalmente Isolada – refere-se às pessoas que rejeitam qualquer envolvimento com outras pessoas Surdas;
4. Identidade Culturalmente Separada – era aplicada às pessoas que preferem interagir com outras pessoas Surdas o máximo possível e mantém o mínimo contato com as pessoas Ouvintes;
5. Identidade Culturalmente Marginal – era aplicada às pessoas que não se sentem confortáveis na comunidade Surda, nem entre os ouvintes;
6. Identidade Culturalmente Cativa – era aplicada à pessoa Surda que não teve oportunidade de conhecer outras pessoas Surdas e aprender sobre Cultura Surda.

Em 2000, o autor Bat-Chava apresentou mais três identidades associadas à mudança social e mobilidade individual, cujos membros de grupos minoritários alcançaram identidade social positiva. Foram criadas estas três novas categorias que eram: Identidade Culturalmente Ouvinte, Identidade Culturalmente Surda e Identidade Bicultural.

O desenvolvimento da identidade Surda se ocorre quando afirma a sua posição no seu mundo. Durante a trajetória, há ambiente circundante e cada indivíduo surdo se identifica com diferentes culturas. Quanto tomar autoconsciência da sua identidade como pessoa Surda, ela pode classificar o que se define melhor.

## **Conceitos atuais das Identidades**

A identidade surda está totalmente atrelada com a comunidade surda, uma vez que o surdo só consegue verdadeiramente definir sua identidade tendo contato com outros surdos. Dessa forma, sua identidade é construída nas relações sociais, ou seja, já que o surdo não nasce conhecedor de sua língua e costumes da comunidade surda (LIMA, 2015), portanto, o surdo carece dessa relação direta com outros surdos, construindo assim, o que se chama de identidade surda.

Destaque-se ainda no que concerne as identidades surdas:

Estão presentes no grupo onde entram os surdos que fazem uso com a experiência visual propriamente dita. [...] Desse modo, a(s) cultura(s) surda(s) constituem significados na vida em comunidade(s), onde a presencialidade, o uso da língua de sinais e a troca de experiências visuais ganham vida (MÜLLER, 2012, p. 105).

E, por sua vez, os sujeitos constituem a ideia de pertencimento ao grupo, o que vem a

possibilitar a constituição de identidades surdas. Portanto:

As identidades são, pelo seu lado, um outro campo de pesquisa para a História Cultural. Enquanto representação social, a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e se estabelece à diferença. A identidade é relacional, pois ela se constitui a partir da identificação de uma alteridade. Frente ao eu ou ao nós do pertencimento se coloca a estrangeiridade do outro (PESAVENTO, 2005, p. 54).

A identidade é formada no “convívio” entre o eu e a sociedade:

O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que [sic] internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. [...] [O] sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades (HALL, 2006, p. 11-12).

Entende-se, por sua vez que a cultura surda se desenvolve em um ambiente de troca de experiências visuais. Assim como a língua de sinais é fundamentada no visual, a relação da pessoa surda com o objeto de conhecimento do mesmo modo se dá na interação visual.

Destaque-se que “o uso de comunicação visual caracteriza o grupo levando para o centro do específico surdo” (PERLIN, 2010, p. 63). Neste aspecto, a autora garante que esse tipo de identidade surda “cria um espaço cultural visual dentro de um espaço cultural diverso” Outrossim, está identidade restabelece a cultura visual, buscando historicamente seu atributo surdo.

O autor Maher (2001), contribui para o entendimento do tema identidade

Ao falarmos de identidade, não estamos falando de essência alguma. [...] a construção da identidade não é do domínio exclusivo de língua alguma, apesar dela ser sempre, da ordem do discurso e, assim sendo, interativa e social (MAHER, 2001, p. 135).

A construção da identidade fundamenta-se num processo de “associação” a um determinado grupo, e de “dissociação” com relação a outros grupos. O pertencimento a um dado grupo expressa-se por meio do *ethos*<sup>1</sup> grupal, do conjunto de valores e saberes partilhados (ROSE, 1962).

Ainda no que se refere à identidade surda, Santana e Bergamo (2005) compartilham o seguinte entendimento:

<sup>1</sup> Conjunto dos costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres etc.) e da cultura (valores, ideias ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região.

O modo como à surdez é concebida socialmente também influencia a construção da identidade. O sujeito não pode ser visto dentro de um vácuo social. Ele afeta e é afetado pelos discursos e pelas práticas produzidos. Mas o fato é que não existe uma identidade exclusiva e única, como a identidade surda. Ela é construída por papéis sociais diferentes (pode-se ser surdo, rico, heterossexual, branco, professor, pai etc.) e também pela língua que constrói nossa subjetividade (SANTANA; BERGAMO, 2005, p. 568).

Os sujeitos surdos quando se identificam com a comunidade surda, tornam-se motivados a dar importância a sua condição cultural, isto por quê:

Passando a respirar com mais orgulho e autoconfiantes na sua construção de identidade, e ingressam em uma relação intercultural, iniciando uma caminhada como sujeito diferente e não como deficiente. A comunidade surda favorece a disseminação de sua língua no decorrer dos tempos (STROBEL, 2008, p. 33).

Apesar de existirem diferentes grupos culturais, o grupo, no entanto, não vive de forma independente, todos convivem e passam por conflitos de relações, dentro de suas características inerentes.

Segundo Strobel (2008, p. 112) “deve-se aprender que não há ninguém melhor que ninguém, mas sim que existem sujeitos diferentes que devem ser considerados coletivamente com todas as suas singularidades”.

É imprescindível ver a comunidade surda como qualquer coisa em construção, por seu lado, sendo dinâmica e frequentemente transformada, uma vez que as identidades surdas são detentora de vários enfoques devido suas características, exemplo disso, segundo Perlin (1998) são as comunidades ouvintes encontrarem uma resposta para a negação da representação da identidade surda ao sujeito surdo por meio do estereótipo surdo.

## **As sete Identidade Surdas classificadas por Gladis Perlin (1998)**

A seguir apresentam-se as sete identidades surdas indicadas por Perlin (1998), dentre as quais: Identidade surdas (Identidades Políticas); Identidade surdas híbridas; Identidade surda de transição; Identidade surda intermediária ou (incompleta); Identidade surda flutuante; Identidade surda embaçada e Identidade surda de diáspora.

### **Identidade surdas (Identidades Políticas)**

Trata-se de uma identidade fortemente marcada pela política surda. São mais presentes em surdos que pertencem a comunidade surda e apresentam características culturais, tais como;

- Apresentam experiência visual que produz formas de comportamento, cultura, língua, etc.
- Trazem consigo a língua de sinais. Usam sinais sempre, pois é sua forma de expressão;
- Aceitam-se como surdos, assumindo um compromisso de pessoas surdas. etc.

### **Identidade surdas híbridas**

Os surdos que nasceram ouvintes, mas com o tempo ficaram surdos, ou por doença, ou devido algum acidente, entre outros fatores. Assim sendo, terão presentes as duas línguas numa

dependência dos sinais e do pensamento na língua oral:

- Dependendo da idade em que a surdez se manifestou, conhecem a estrutura do português falado e o envio ou a captação da mensagem vez ou outra é na forma da língua oral.
- Empregam língua oral ou língua de sinais para apreender mensagens. Esta identidade, além disso é bastante diferenciada, alguns não usam mais a língua oral e empregam sempre sinais.
- Adotam um comportamento de pessoas surdas, ex.: usam tecnologias para surdos.
- Convive harmoniosamente com as identidades surdas.

## **Identidade surda de transição**

A convivência dos surdos com a comunidade surda é tardia, o que faz passar da comunicação visual-oral (na maioria das vezes truncada) para a comunicação visual sinalizada – o surdo passa por um conflito cultural, verifique-se:

- Vivem no momento de trânsito entre uma entidade a outra;
- Se a aquisição da cultura surda não se dá na infância, geralmente a maioria dos surdos carece passar por este momento de transição, porquanto grande parte deles são filhos de pais ouvintes;
- A partir do momento em que estes surdos conseguem contato com a comunidade surda, a situação altera-se e eles passam pela des-ouvintização, ou seja, rejeição da representação da identidade ouvinte;
- Existe um caminho a ser trilhado da comunicação visual/oral para a comunicação visual/sinalizada, etc.

## **Identidade surda intermediária ou (incompleta)**

Comumente está identidade intermediária é identificada como sendo surda. Essa população tem outra identidade, uma vez que tem uma característica que não lhes permite a identidade surda, isto é a sua captação de mensagens não é totalmente na experiência visual que determina a identidade surda, assim sendo:

- Exibem alguma porcentagem de surdez, mas levam uma vida de ouvintes;
- Para esta população são de importância os aparelhos de audição;
- Estes sujeitos surdos apresentam dificuldade de encontrar sua identidade considerando-se que não é surdo nem ouvinte etc.

## **Identidade surda flutuante**

Os surdos flutuantes não têm contato com a comunidade surda. Ou surdos que viveram na inclusão ou que tiveram contato da surdez como preconceito ou desconhecimento social. São outra categoria de surdos, uma vez que não contarem com os benefícios da cultura Surda. Estes surdos, além disso têm algumas características particulares. Dentre as quais se destacam:

- Abraçam a representação da identidade ouvinte;
- Estão em dependência no mundo dos ouvintes seguem os seus princípios, respeitamos, colocam-nos acima dos princípios da comunidade surda, às vezes concorrem com ouvintes, por que são induzidos no modelo da identidade ouvinte;
- Evidenciam resistências a língua de sinais, cultura surda, visto que isto, para eles representam estereótipo;
- São surdos, quer ouçam algum som, quer não ouçam, insistem em usar aparelhos



auriculares, não usam tecnologias dos surdos, etc.

## **Identidade surda embaçada**

A identidade surda embaçada são outros tipos que podem se encontrar diante da representação estereotipada da surdez ou desconhecimento da surdez como questão cultural.

- Os surdos não conseguem apreender a representação da identidade ouvinte. Nem consegue compreender a fala;
- O surdo não tem condições de usar língua de sinais, não foi lhe ensinada nem teve contato com a mesma;
- São sujeitos considerados incapacitados;
- Neste quesito, ouvintes determinam seus comportamentos, vida e aprendizados, etc.

## **Identidade surda de diáspora**

As identidades surdas de diáspora estão presentes entre os surdos que passam de um país a outro ou, até mesmo passam de um Estado brasileiro a outro, ou ainda de um grupo surdo a outro. Portanto, esta identidade pode ser identificada como o surdo carioca, o surdo brasileiro, o surdo norte-americano. Trata-se de uma identidade bastante presente e marcada.

## **Outras Sete Possíveis Identidades Surdas**

A seguir, apresentam-se as 7 (sete) possíveis identidades surdas, sendo elas: Identidade Surda Urubu-Ka'apor e outras línguas de sinais emergentes; Identidade Negra Surda; Identidade Surda Unilateral e Identidade surdacega.

## **Identidade Surda com AASI**

A inserção de aparelhos auditivos interfere nas relações familiares, fazendo com que o surdo se aproxime mais da família, podendo obter, com o aparelho, meios para se comunicar de maneira mais próxima, se expressando com mais eficiência e podendo interpretar, além disso, com mais oportunidades de acerto o que os familiares estão lhe falando (RIBEIRO; RASERA, 2008). Neste sentido, reconhece-se a importância da tecnologia no sentido de inserir as pessoas com problema de audição, junto aos seus familiares e comunidade, ou seja, os aparelhos de amplificação possibilitam que a pessoa surda passe a ouvir.

Dentre os vários aparelhos de amplificação sonora individual (AASIs) o mais comum é o que se coloca atrás da orelha, o chamado aparelho auditivo (PERLIN; STROBEL 2006). Entretanto a literatura se apresenta escassa sobre a inserção dos aparelhos auditivos e seu impacto na comunicação familiar do surdo. Mas, segundo estudos de Ribeiro e Rasera (2008) os portadores de deficiência auditiva em qualquer grau em sua maioria considera o uso do aparelho como natural e benéfico.

## **Identidade Surda com IC**

O implante coclear mais conhecido como ouvido biônico, consiste em um equipamento eletrônico computadorizado que substitui completamente o ouvido de pessoas que tem surdez total ou quase total. O implante estimula diretamente o nervo auditivo através de pequenos eletrodos que são colocados dentro da cóclea e o nervo leva estes sinais para o cérebro. Já existe há alguns anos e hoje mais de 100.000 pessoas no mundo já estão usando, sendo o implante coclear uma forma de acessibilidade das pessoas com surdez (BERNARDES, 2014).

O implante permite que o surdo volte a ouvir sons, em muitos casos é possível compreender a fala humana, mas não se trata de uma audição normal. O quanto à pessoa implantada será capaz

de compreender dependerá de muitos fatores como; o tempo que ficou sem ouvir, causa da surdez, estratégias de estimulação usada e o número de eletrodos implantados (BERNARDES, 2014).

O implante coclear permite que o surdo volte a ouvir sons, em diversos casos é possível compreender a fala das pessoas, mas esta audição não se apresenta como audição normal. O implante tem se apresentado como a melhor alternativa para aqueles que tiveram perdas que não podem ser melhoradas com aparelhos convencionais.

## **Identidade étnica dos surdos**

Segundo censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) existem 10 milhões de surdos no Brasil. Segundo Ruski (2018) é muita gente para colocar em uma mesma caixa, como se fossem iguais. Alguns nasceram surdos por causas genéticas, outros por problemas que as mães tiveram na gestação, estima-se em 50% de cada caso

De acordo com Wrigley, (1996) devido a percepção dos surdos, o ato politizado de alegar uma surdez “nativa”, ou seja, uma surdez de nascença, está ligado à identidade positiva de não estar “contaminado” pelo mundo dos que ouvem e suas limitações epistemológicas do som sequencial (WRIGLEY, 1996).

É fato contumaz que alguns sujeitos surdos repetidamente declaram ter nascido surdos, muito embora saberem que na verdade tornaram-se surdos ainda quando criança por causa de doença, devido a tratamento inadequado da doença, ou devido a outras razões pós-natais, entre outros fatores.

## **Identidade Surda Urubu-Ka’apor e outras línguas de sinais emergentes**

No sul do estado do Maranhão existem cerca de 10 aldeias de uma etnia indígena chamada Urubu-Ka’apor, que existe há mais de 300 anos. Em 1949, Darcy Ribeiro, um dos maiores antropólogos brasileiros, visitou este povo e fez um dos primeiros documentários sobre uma tribo indígena no Brasil. Em algum momento de sua história, os Ka’apor foram atingidos por um surto de boubá neonatal, que durou muitos anos. A doença infecciosa chegou a desencadear quadros de surdez em cerca de 2% da população. Em 1968, o linguista Jim Kakumasu observou que das 500 pessoas de uma aldeia, 7 eram surdos (LOBATO, 2017).

Com uma porcentagem tão expressiva de surdos na tribo, eles criaram uma língua de sinais própria, sem influência externa e que não era usada em nenhum outro lugar. Segundo Lobato (2017) a tribo se tornou bilíngue. Todos dentro da tribo acabava aprendendo a língua oral (ka’apor) e a Língua de Sinais Ka’apor (LSKB). Essa língua começou a ganhar destaque com o trabalho de linguistas, que puderam estudar o nascimento de uma língua de sinais em uma condição bem específica. No início de suas pesquisas, a linguista Lucinda Ferreira Brito catalogou as línguas de sinais brasileiras seguindo o padrão internacional. Assim, ela descreveu 2 línguas de sinais no Brasil: A Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros (LSCB) e a Língua de Sinais Ka’apor Brasileira (LSKB).

No ano de 1994, a Língua Brasileira de Sinais, empregada em centros urbanos pela comunidade surda, passou a ser conhecida como LIBRAS, ganhou destaque oficial alguns anos depois e seu uso tem sido disseminado em todo o Brasil. Já na tribo dos Urubu-Ka’apor, segundo Lobato (2017) o surto da doença que provocava a surdez durou até a década de 1980, quando ela foi erradicada.

## **Identidade Negra Surda**

Em conformidade com estudo de Ferreira (2018, p. 13) para uma discussão sobre a terminologia: surdo negro, surdo preto ou negro surdo. Primeiramente vem a discussão sobre ser negro e depois sobre ser surdo, pelo fato de que visualmente falando, ser o aspecto que fundamentalmente chama a atenção e em segunda instância a questão da pessoa surda. “E a imagem apresentada denota o sinal “Negro Surdo” que representa o congresso em questão”.

Fundamentando-se em Ferreira (2018) o Congresso Nacional de Inclusão Social do Negro Surdo teve suas três primeiras edições realizadas em São Paulo e foi organizado com a coordenação de Sandro Pereira. O primeiro Congresso Nacional de Inclusão Social do Negro Surdo (CNISNS) aconteceu no dia 22 de novembro de 2008, foi um marcante para a comunidade negra surda brasileira. Contou com o apoio da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), a coordenação de Sandro Pereira juntamente com Edvaldo Santos e com uma comissão de outros negros surdos na organização. O tema do congresso foi a “Inclusão Social do Negro Surdo”. O objetivo era apresentar as leis e a Constituição brasileira que asseguram a igualdade de direitos e deveres para todos e assim resultar em uma melhor inclusão social para os negros surdos. Por sua vez o evento foi realizado no mesmo mês que homenageia Zumbi dos Palmares.

O movimento dos negros surdos continuou em São Paulo e no dia 24 de novembro de 2012, realizou-se o III Congresso Nacional de Inclusão Social do Negro Surdo, que aventou mais uma vez da Inclusão Social.

As conclusões da Dissertação de Ferreira (2018) apontam para a importância do trabalho com a educação das relações étnico-raciais no currículo, a fim de que estudantes negros surdos tenham acesso a conhecimentos que contribuam com seu processo de construção identitária.

É incontestável o sofrimento que os surdos negros vivenciam pelo preconceito com relação à raça e surdez em diversos ambientes, tais como: rua, escola, mercado de trabalho, entre outros inúmeros espaços.

## **Identidade Surda Unilateral**

Qualquer grau de perda auditiva é tecnicamente classificado como surdez. E, por sua vez, a surdez unilateral (*single side deafness* em inglês, ou SSD) é o termo que se costuma usar para indicar que a pessoa ouve apenas em uma orelha (MOREIRA, 2013).

Verifique-se os efeitos da perda auditiva unilateral:

Os efeitos da perda auditiva unilateral são menores do que os causados pela perda bilateral, porém também podem ocasionar problemas. Em presença de ruído ambiental, indivíduos com perda unilateral encontram maiores dificuldades que os ouvintes normais para compreender a fala, mesmo quando a orelha melhor está posicionada em direção à fala. Além disso, a localização espacial das fontes sonoras fica comprometida (MONDELLI; VENTURA; FENIMAN, 2013, p. 1).

A perda auditiva unilateral pode ser responsável por dificuldades na aprendizagem, alteração de fala e linguagem, além disso, dificuldades sócio emocionais, é atribuída pela diminuição da audição em apenas uma orelha.

## **Identidade surdacega**

Em conformidade com a Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE) a soma de duas deficiências, a surdo-cegueira é na verdade única, caracterizada por graves perdas auditivas e visuais. A surdo-cegueira pode ter várias causas, como doenças congênitas, Acidentes Vasculares Cerebrais e doenças adquiridas pela mãe ainda na gestação. Além disso, a deficiência pode ser classificada de acordo com o momento em que se desenvolve: há casos em que a pessoa desenvolve após ou antes da aquisição da fala (FCEE, 2017).

Mesmo sendo verdadeiro que as pessoas cegas não percebam as informações visuais, isso é insuficiente para determinar se uma dessas pessoas, como indivíduo particular, sabe ou não: escrever, ler, desenhar, usar o computador, comunicar-se em idiomas estrangeiros, escrever ou ler em Braille etc. De forma parecida, sabe-se que as pessoas surdas não compreendem as informações sonoras, entretanto não se pode concluir, a partir disso, que dentre essas uma pessoa específica

saiba ou não: falar, escrever no idioma pátrio, compreender o que conversam diretamente com ela, expressar-se em idioma estrangeiro, expressar e compreender línguas de sinais etc. (TORRES; MAZZONI; MELLO, 2007).

Em ocorrências onde tanto a visão como a audição estão intensamente comprometidos, é necessário que se use o sistema Tadoma, ou braille tátil, um modo de comunicação em que se usam as mãos para sentir o movimento do maxilar da pessoa que fala para se entender o que ela diz (FCEE, 2017).

Ser pessoa surda já implica em dificuldades, imagine, além de surdo ser também cego. Situação que requer desafio múltiplos para se inserir no seio familiar como na sociedade. Para romper o isolamento social e facilitar o desenvolvimento da comunicação em pessoas surdacegas, é imprescindível atendimento especializado de acordo com o nível de deficiência e estimulando os sentidos que ainda restam.

## Considerações Finais

As diferentes identidades surdas, apresentadas no estudo são bastante complexas e diversificadas. Citam-se como exemplos as sete identidades surdas, classificadas por Perlin (1998): Identidade Políticas; Identidade surdas híbridas; Identidade surda de transição; Identidade surda intermediária ou (incompleta); Identidade surda flutuante; Identidade surda embaçada e Identidade surda de diáspora.

Além dessas sete identidades, foram classificadas outras sete, dentre as quais: Identidade Surda com AASI; Identidade Surda com IC; identidade étnica dos surdos; Língua de sinais Ka'apor brasileira (LSKB), utilizada pelos índios urubu- Ka'apor no Estado do Maranhão E outras línguas de sinais emergentes: guarani que recentemente estão sendo catalogadas nas literaturas de língua de sinais e sua relação coma identidade surda Identidade Negra Surda; Identidade Surda Unilateral e Identidade Surdacega.

Como foi relatado durante o estudo, a identidade surda não é estável, está em contínua transformação. Os surdos não podem ser um grupo de identidade homogênea. Há que se respeitar as particularidades de cada identidade que vão surgindo no decorrer do tempo.

Os surdos, quando engajados em suas comunidades têm possibilidade de trocar experiência com outros surdos, ao mesmo tempo com ouvintes, quando incluídos em espaços comuns. E nessas relações são construídas identidades, as quais se produzem pelas relações de poder estabelecidas tanto entre surdos e ouvintes quanto entre os próprios sujeitos surdos. Outrossim, para a construção destas identidades surdas prevalece sempre a identidade cultural que se caracteriza ao mesmo tempo como identidade política, visto que está no cerne das produções culturais.

## Referências

BERNARDES, Raquel. **Implante coclear e sua relação com a identidade do implantado: expectativas e possibilidades**. VI Seminário Nacional de educação especial, Uberlândia (MG) 08 a 12 dez. 2014. Disponível em: [www.cepae.faced.ufu.br/sites/raquel/pdf](http://www.cepae.faced.ufu.br/sites/raquel/pdf). Acesso em: 24 maio 2019.

BRASIL. Lei 10.436/02 de 24 de abril de 2002. **Lei de Libras**. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/99492/lei-de-libras-lei-10436-02>. Acesso em: 04 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Núcleo da Educação Inclusiva. **O que é Libras**. Disponível em: <http://www.nei.ufop.br/libras.php>. Acesso em: 05 jun. 2019.

CAMPELLO, A. R. **Pedagogia visual na educação dos surdos**. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

FACULDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS (FATEC). **Classificadores**. Disponível em: <http://www.fatecc.com.br/alunos/apostilas/libras/Classificador/classificador.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2019.

FERREIRA, Priscilla Leonnor Alencar. **O ensino de relações étnico-raciais nos percursos de escolarização de negros surdos na educação básica**. Mestrado (Dissertação) - Pós-Graduação em

Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, Bahia, 2018.

FREITAS, E. F. de. **Libras, abordagem teórica**. Disciplina curricular Libras (Língua Brasileira de Sinais). Instituto Federal De Educação, Ciência E Tecnologia Baiano - Curso De Licenciatura em Ciências da Computação e Curso de Licenciatura em Ciências Agrárias. Senhor do Bonfim – BA, 2015.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL (FCEE). Disponível em: <http://www.fcee.sc.gov.br/index.php/sala-de-imprensa/noticias/8599-dia-internacional-do-deficiente-surdo-cego-e-comemorado-nesta-terca>. Acesso em: 06 jun. 2019.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INSTITUTO NACIONAL DE SURDOS (INES). **A história da educação do surdo**. Disponível em: <http://ines.gov.br/conheca-o-ines>. Acesso em: 05 jun. 2019.

LEITE, T. de A. Língua, identidade e educação de surdos. **Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1912>. Acesso em: 30 maio 2019.

LIMA, M. A. dos Santos. **Educação bilíngue, identidades e culturas surdas**: em busca de um norte em Cruzeiro do Sul. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação – FACED, Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Manaus, 2015. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/5040/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Maria%20Aldenora%20dos%20Santos%20Lima.pdf>. Acesso em: 29 maio 2019.

LUCHI, M. **Interpretação de descrições imagéticas**. Dissertação (Mestrado) - Florianópolis: UFSC, 2013.

LOBATO, L. **Kaapor**: a outra língua de sinais brasileira. Disponível em: <https://desculpenaoouvi.com.br/kaapor-a-outra-lingua-de-sinais-brasileira>. Acesso em: 29 maio 2019.

LOBO, L. F. A inclusão institucional. In: LOBO, L. **Os Infames da história**: pobres, escravos e deficientes no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008. p. 333-431.

MAHER, T. M. Sendo índio em português.... In: SIGNORINI, I. (Org.). **Língua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado das Letras/FAPESP/FAEP, 2001.

MONDELLI, M. F. C. G. VENTURA, L. M. P. V. FENIMAN, M. R. Ocorrência de perda auditiva unilateral em pacientes com fissura labiopalatina. **Re. Cefac.**, nov /dez. 2013.

MOREIRA, P. P. **Deficiência auditiva unilateral**. Disponível em: <https://cronicasdasurdez.com/deficiencia-auditiva-unilateral/>. Acesso em: 31 mai. 2019.

MÜLLER, J. I. **Marcadores culturais na literatura surda**: constituição de significados em produções editoriais surdas. 2012. 175 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

NAKASATO, Ricardo Quiotaca. **Desenvolvimento da Cultura Surda no Currículo de escolas Bilíngues para Surdos: a fala de professores Surdos**. Mestrado em Educação. PUC – São Paulo. 2019.

OLIVEIRA, P. M. T. **História da educação dos surdos no Brasil**. (2004). Disponível em: <http://www.cts.org.br/download/Historia.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2019..

PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PERLIN, G.; STROBEL, K. **Fundamentos da educação de surdos**. Florianópolis, 2006.

PESAVENTO, S. J. **História e história cultural**. Belo horizonte: Autêntica, 2005.

QUADROS, R.; KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira**: Estudos Linguísticos. Porto Alegre: Artmed,

2004.

RIBEIRO, L. M; RASERA, E. F. Os idosos e o uso de próteses auditivas: identificando os repertórios interpretativos que justificam essa decisão. **Psicologia e Sociedade**, Florianópolis, v. 20, n. 3, 2008.

ROSE, A. (Org.). **Human behavior and social processes: an interactionist approach**. Boston: Houghton Mifflin Company, 1962.

RUSKI, R. Identidade surda: alguns nasceram surdos, outros por problemas na gestação. **Revista correio Brasiliense**. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2018/02/25/interna\\_revista\\_correio,661907/alguns-nasceram-surdos-outros-adquiriram-por-problemas-na-gestacao.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2018/02/25/interna_revista_correio,661907/alguns-nasceram-surdos-outros-adquiriram-por-problemas-na-gestacao.shtml). Acesso em: 30 maio 2019.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Educ. Soc., Campinas**, v. 26, n. 91, p. 565-582, mai./ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 22 maio 2019.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Nomenclatura na área da surdez**. (2002). Disponível em: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/arquivos/deficiencia/Nomenclatura\\_na\\_area\\_da\\_surdez.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/arquivos/deficiencia/Nomenclatura_na_area_da_surdez.pdf). Acesso em: 10 jul. 2019.

SILVA, S. C., ARAÚJO, A., CASTELAR, M., and MENDES, N. As contribuições da psicologia na educação de surdos: o caso do Centro de Educação Especial do Estado da Bahia. In: DÍAZ, F., *et al.*, orgs. **Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas** [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 171-190. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/rp6gk/pdf/diaz-9788523209285-17.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2019.

STOKOE, W.C. *Semiotics and human sign language*. Mouton: The Hague, 1972.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: EDUFSC, 2008.

TORRES, E. F. MAZZONI, A. A. MELLO, A. G. Nem toda pessoa cega lê Braille nem toda pessoa surda se comunica em língua de sinais. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v 33, n2, p 369 - 385 maio/ago. 2007.

VEDOATO, S. C. M. **Relações entre surdez, raça e gênero no processo de escolarização de alunos surdos do Paraná**. f. 66. Dissertação (Mestrado) - Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2015.

WRIGLEY, O. **A política da surdez**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.

Recebido em 15 de março de 2020.

Aceito em 13 de julho de 2022.